

Matéria e memória em Baú de Ossos

Andréa Ferreira Carvalho Falconi

Resumo

Esta comunicação pretende elencar concepções bergsonianas da diferença entre memória, corpo e espírito; levantando questionamentos sobre a existência de alguma correlação ou diferença entre o real e o imaginário para a matéria (BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999). Ressalta-se a nova visão empreendida por Bergson ao conotar a memória de forma científica e filosófica. Esta pesquisa abordou, também, o entrelaçamento entre os tempos contextuais que se referem ao presente, ao passado e ao futuro considerando significativamente a ambiência, que envolve os indivíduos de uma determinada vivência histórica e sociopolítica. Esta relação entre matéria e memória foi investigada em parte na obra **Baú de ossos** (NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973) do escritor juiz-forano Pedro Nava, a fim de identificar a reconstrução de algumas concepções apresentadas por Henri Bergson (1999). Neste romance memorialístico, segundo o que registrou Carlos Drummond de Andrade na apresentação da referida obra, “Pedro Nava surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor, com suas memórias da infância, a que deu o título Baú de Ossos” (NAVA, Pedro **Baú dos Ossos**. Sabiá, 1999, p.7), identifica-se a matéria concebendo a lembrança. Essas concepções geram uma impressão única em cada indivíduo que, em contrapartida, produz a lembrança ao cérebro que por sua vez, incita a produzir a sensação ao espírito. A memória lírica de Pedro Nava, representada na afirmativa: [...] a lembrança que lhe chega, não como uma coisa morta, mas viva qual flor toda olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente (NAVA, Pedro **Baú dos Ossos**. Sabiá, 1999, p. 17), permite depreender quão dinâmico e expressivo são os princípios que regem a relação matéria e memória. Nesta correspondência dual, observa-se o diálogo entre o que se vive, e a elaboração da lembrança na construção da memória. Para ilustrar este encadeamento dialógico tomemos o relato de Pedro Nava: “Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas, dos Matos, Gerais. Se não exatamente da picada de Garcia Rodrigues, ao mesmo da variante aberta pelo velho Halfeld e que, na sua travessia pelo arraial do Paraibuna, tomou o nome de Rua Principal e ficou sendo depois a Rua Direita da cidade de Juiz de Fora. Nasci nessa rua, no número 179, em frente à Mecânica, no sobrado onde reinava minha avó materna. E nas duas direções apontadas por essa que é hoje a Avenida Rio Branco hesitou a minha vida. A direção de Milheiros e Mariano Procópio. A da Rua Espírito Santo e do Alto dos Passos”. (NAVA, Pedro **Baú dos Ossos**. Sabiá, 1999, p.13). Assim, esta proposta de comunicação oral pretende provocar uma reflexão sobre a importância da ruptura de tradição dos conceitos sobre memória e ressaltar a genialidade desafiadora de Henri Bergson ao confrontar a ciência e a filosofia. Percebe-se esta provocação na seguinte consideração: “[...] que não se veja aqui uma simples questão de palavras” (BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Martins Fontes, 1999, p. 291), que não se veja aqui uma preocupação que não se infira no simples jogo de palavras e, sim, que se traduz em conceitos que giram em torno da análise filosófica

e crítica sobre o que sejam matéria e memória bergsonianamente à frente de seu tempo.

Palavras-chave: Memória. Henri Bergson. Pedro Nava. Baú de ossos.

De olhos fechados:

Amor e mito

Suzana Mcauchar

Resumo

Este trabalho, apresentado à comunidade científica e acadêmica do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), tece considerações acerca do romance **De olhos fechados**, publicado em 1987, pela editora gaúcha Mercado Aberto, escrito por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, autora contemporânea de Minas Gerais. Serão considerados o contexto social e histórico que lhes serviu de arcabouço, ao buscar as relações existentes entre o comportamento apaixonado da protagonista Flora, enquanto mãe/mulher, e a estrutura socioeconômica opressiva vigente, impondo aos sujeitos constante estado de alienação inquietante e despersonalizante, a fim de proteger o *establishment*. Com este propósito, serão utilizadas como aporte teórico a perspectiva psicanalítica, além de outras abordagens complementares de caráter filosófico e sociológico, cujas interfaces estarão correlacionando durante o processo de análise textual. A romancista Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, de forma idiossincrática, soube recolher de maneira vivenciada, a matéria-prima romanesca, ao valorizar Juiz de Fora na sua escrita. A relação causal pode ser intensa a ponto de fragmentar o indivíduo, cooperando fortemente para sua marginalidade e consequente exclusão social. A autora desenvolve sua narrativa com *background* contemporâneo, estabelecendo, paralelamente à construção das personagens e suas teias, profundas reflexões acerca da condição humana nos seus aspectos individuais e coletivos, diante da sociedade capitalista e massificadora. As personagens são plasmadas fidedignamente com suas dificuldades de adaptação às mazelas sociais. E, com isso, alcançam relevante nível de autenticidade. A autora compôs o enredo a partir de um homicídio ocorrido em Juiz de Fora, na parte central da cidade, envolvendo um jovem de classe média e seu assassino, também jovem, marcado pelas desigualdades e consequente condição de deslugar a que estava sujeito. A escritora alia à realidade fria e desconcertante da miséria social, todas as nuances de lirismos e sutil erotismo, que se mesclam ao ambiente mitológico, ancorado no desenvolvimento da trama, sobretudo encontram as personagens principais. Narrado na terceira pessoa, o romance tomado nesta pesquisa como *corpus*, traz em sua escrita nos rodapés valiosas provocações, reflexões e discussões acerca das circunstâncias que impressionam a escritora, convidando o leitor a ponderar sobre tais conjunturas, aprofundando-se além da simples leitura de um romance como forma de entretenimento. O desfecho da ficção surpreende por revelar a realidade eivada de sentimentos humanos, retratados de forma a radiografar a intimidade das personagens. Ainda que alguns trechos da obra assumam características tão contundentes como se ao Naturalismo pertencessem, a escritora mescla imagens ácidas com marcante lirismo. Construindo um estilo próprio, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira intencionalmente provoca suspense quanto ao desfecho da trama, já que lhe imprime, desde o início, um caráter de romance policial. Aciona para tanto, estratégias próprias da linguagem cinematográfica, quando a voz narrativa expõe os fatos, preocupando-se, contudo, em imprimi-los

imageticamente na percepção do leitor. A autora não esclarece como se dará a natureza do relacionamento entre os personagens principais, agora clivados pelo conflito entre desejo e sensatez. Esta imprecisão caracteriza a obra aberta, típica da contemporaneidade, deixando ao receptor o ponto de interrogação que ele mesmo deverá responder. Admite, assim, possibilidades múltiplas de leituras que se abrem a individualidades e subjetividades, como sucede diante de um texto literário que se apresente a olhares libertadores do instituído.

Palavras-chave: Sociedade. Amor. Mito.

Diário de Bitita:

O testemunho na obra de Carolina Maria de Jesus

Alexsandro Rosa Soares
Maria Andreia de Paula Silva

Resumo

É notório que o campo literário brasileiro se configura como um espaço de exclusão, tendo em vista a maioria dos nossos autores **reconhecidos** serem, homens, brancos, moradores dos grandes centros urbanos e de classe média. Na contramão desta realidade, essa pesquisa tem como objetivo analisar a obra autobiográfica **Diário de Bitita** (1986) da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, mulher, negra e moradora da favela sob a perspectiva testemunhal. Carolina traça um panorama da sociedade e da exclusão de uma menina que luta para compreender e se posicionar frente a um ambiente repleto de injustiça social, preconceito e discriminação, desnudando os mecanismos que os conformam. É incontestável que Carolina é uma figura feminina importante da Literatura Brasileira, não só por suas obras, mas também por se contrapor aos arquétipos estabelecidos pela sociedade, em relação às personalidades literárias tidas como canônicas. Pois, pensar que uma mulher da raça negra, semianalfabeta, com quase nenhum poder aquisitivo, sobrevivendo por meio de seus esforços, inclusive físicos, criando sozinha seus três filhos, poderia tornar-se autora na década de 1960, era quase que inadmissível, já que não fazia parte do perfil idealizado dos grandes autores literários, até então reconhecidos. **Diário de Bitita** (1986), livro publicado após a morte de Carolina não teve a mesma repercussão que *Quarto de Despejo* (1960), contudo a força da produção literária da escritora vem se consolidando no meio acadêmico, ante as novas configurações da denominada literatura marginal. No *Diário* estão presentes memórias da infância e adolescência desde Sacramento, em Minas Gerais, até os primeiros tempos na cidade de Franca, em São Paulo, caracterizando-se como um relato de caráter testemunhal. A concepção de testemunho tem sido um aspecto que vem despertando a atenção de estudiosos em diferentes campos do conhecimento. Na literatura o relato testemunhal é analisado a partir do aspecto não-confessional presente nos relatos autobiográficos, com uma audição aguçada e um olhar atento ao testemunhar uma cena, uma fala e a subjetividade de um pensamento. O conceito de testemunho, no âmbito literário, pode ser compreendido a partir de dois elementos que se apresentam de diferentes maneiras. Variando conforme o autor e a memória, há o testemunho da história, no sentido de **testis** e o testemunho da experiência, no sentido de **superstes**. Em *Diário de Bitita* há indícios existenciais de uma sobreposição do **superstes** sobre o **testis**, reunindo a sinceridade do relato e a elaboração literária do texto. Em *Diário de Bitita* (1986), Carolina relata suas vivências enquanto mulher, negra, da periferia, num contexto social de exclusão e num ambiente literário adverso. Levando-se em consideração esses aspectos, pretende-se elucidar o silenciamento vivenciado por quem está à margem, principalmente sob a concepção do feminino, e demonstrar como Carolina rompe com esse aspecto por meio de sua obra. Serão apresentadas grandes escritoras que junto à Carolina contribuíram e contribuem dando voz e vez aos que estão lutando para serem ouvidos. A obra da autora contribui também para evidenciar

aspectos da Literatura Marginal que, desde a década de 1970 até a atualidade, vem se consolidando como uma vertente importante na literatura brasileira, e demonstrar especificidades na obra Diário de Bitita que apresentam o engajamento de Carolina na busca por valorização de sua escrita, de suas ideias, da sua vida.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Diário de Bitita. Testemunho. Memória.

A psicanálise em um conto de natal

Thays Xavier Campos de Miranda
Ana Flávia Araújo Dias

Resumo

A presente comunicação analisou o conto O Peru de Natal extraído da obra **Nós e o Natal**, publicado em 1964 de autoria do poeta, escritor, crítico literário, musicólogo, folclorista e ensaísta brasileiro, Mario Raul Moraes de Andrade, sob a vertente da Crítica Psicanalítica. O conto discorre sobre a reunião de uma família na comemoração de Natal após o falecimento do pai, que era um homem de “natureza cinzenta” e um “puro-sangue desmanchas prazeres” (ANDRADE, 1964, p.1), na perspectiva do narrador. Segundo ele mesmo, o pai era bom, mas também desprovido de lirismo, era medíocre e não gostava de aproveitar as felicidades materiais que a vida oportunizava. Ao reunir a família diante do peru de Natal, esse protagonista alcança uma emancipação para si e para os seus demais parentes, pois se libertam de seus mais reprimidos desejos e vivenciam os momentos familiares de forma intensa; o que não era possível na presença do pai. O narrador se reveste da adjetivação de louco que todos atribuíam a ele para fazer seus familiares atuar de forma diferente da maneira que agiam quando o pai era vivo. Essas mudanças de conduta favoreceram cada membro da família a vivenciarem uma experiência da felicidade, ainda que fosse por meio de pequenos detalhes. O conto termina deixando transparecer que o narrador teve sua missão cumprida: a de trazer felicidade aos parentes mesmo diante da morte do pai. E após o “cumprimento” da missão pode retornar às suas atividades rotineiras. Diante deste panorama, é importante abordar alguns pontos interessantes presentes na obra. Observam-se, neste conto, elementos da Crítica Psicanalítica apontados pelos estudos de Jacques Marie Émile Lacan (LACAN, 2011) e Sigismund Schlomo Freud (FREUD, 1908). Segundo Lacan (2011) o processo de identificação acontece quando se reconhece no outro a sua imagem e conquista de forma progressiva, a sua própria identidade por meio da relação social. Tal processo de alteridade descrito pelo psicanalista francês coaduna com as ideias de Benedito E. Leite Cintra (2009) que demonstra a importância do outro para a construção do eu. Fato este, presente no conto uma vez que a família se ampara na “loucura” do narrador- personagem para realizar desejos reprimidos. Na obra **O Peru de Natal (AUTOR, ano)**, encontram-se marcas das teorias psicanalíticas que se entrelaçam com o enredo. Tais traços são observados na subjetividade do narrador-personagem observada, no conto, pelo relato de suas experiências na relação familiar após o falecimento do pai “E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, no início de um amor novo,...” (ANDRADE, 1964, p. 4). Nota-se, na obra, também um grande número de metáforas que justificam a presença de desejos reprimidos o que dá um tom de confiança ao conto “A voz severizada de mamãe...” “Meu pai, com sua figura cinzenta...” (ANDRADE, 1964, p. 3). Conclui-se, desta forma, que os fatos abordados no conto, sob a ótica psicanalista, marcados pelo subjetivismo e puridades, teorizadas por Lacan (2011), por parte do narrador, descrevem, explicitamente, suas relações familiares que nem sempre favoreceram a felicidade de todos, mas satisfizeram os códigos morais socialmente estabelecidos.

Desta forma, é relevante observar a presença norteadora e influenciadora do narrador nas ações, condutas e até mesmo no pensamento dos personagens.

Palavras-chave: Mario de Andrade. Crítica psicanalítica. Natal. Família. Alteridade.

Mudanças no conceito da Literatura Comparada nos últimos trinta anos

William Valentine Redmond

Resumo

Tania Carvalhal e Eduardo Coutinho fundaram oficialmente a Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) em setembro de 1986, na UFRGS. A ideia nasceu durante um congresso em Paris. Tania Carvalhal não havia feito estudos comparativos nessa época em Paris, embora algum tempo depois, tenha passado um ano na Sorbonne, fazendo pesquisa e tendo aulas sobre o tema. Dois anos depois, novamente na UFRGS, Tania organizou o primeiro congresso brasileiro de Literatura Comparada. Todos os membros do diretório da organização estavam presentes e muitas outras figuras importantes da área também foram ao congresso. Naquela época, a literatura comparada foi considerada muito nas linhas tradicionais da disciplina, isto é, seria uma comparação de dois ou mais textos literários na língua original e um estudo visando encontrar as semelhanças e as diferenças nos textos. Foi nesse tipo de estudo que Eduardo Coutinho havia estudado em Chapel Hill, buscando as relações entre textos literários em inglês e em português. Foi o centro mais importante nos Estados Unidos e muitas figuras proeminentes na área fizeram seus estudos lá. Trinta anos se passaram desde a fundação da ABRALIC. Durante este período, houve uma mudança profunda nesta área de estudos: houve o crescimento físico em estudos comparativos nas universidades do Brasil, enquanto havia apenas uma Pós-Graduação em Literatura Comparada na USP antes da fundação da Associação. Houve, também, um impacto enorme de novos estudos durante esse período: estudos culturais, pós colonialismo, estudos de tradução e uma forte onda de estudos de pós-modernidade produziu mudanças radicais no entendimento e na metodologia da literatura comparada no Brasil e em toda a América Latina. Eduardo Coutinho tornou-se a figura de projeção mundial em estudos comparativos sobre literaturas latino-americanas. A literatura comparada é, agora, um campo de estudos muito mais amplo e abrangente. Como afirmou o grande professor alemão Steiner, a literatura comparada está agora cheia de "trânsitos, liminares e passagens". É um campo cheio de novas fronteiras e permite uma compreensão muito mais ampla da comparação do que no tempo em que a associação foi fundada. A literatura comparada é, hoje em dia, parte da Teoria Literária que estuda - através da comparação - a literatura de dois ou mais grupos linguísticos, culturais ou nacionais, não se atendo tanto à comparação das literaturas, como a comparação das teorias por trás da literatura. Como, por exemplo, está ocorrendo com a comparação das literaturas da América Latina. Assim sendo, pode ser praticado em literaturas do mesmo idioma, comparando as nações e as culturas onde a língua é falada. Permite, também, o estudo de diferentes tipos de artes, como por exemplo, a relação entre texto e filme, que se tornou comum em nossos próprios programas de mestrado aqui em Juiz de Fora. Em outras palavras, a literatura comparada pode ser entendida em qualquer campo interdisciplinar que estuda literatura transversalmente nas fronteiras nacionais, no tempo, na linguagem, nos gêneros, nos limites entre a literatura e as outras artes, bem como qualquer outra disciplina de estudo, seja ela psicologia, filosofia, ciências,

história, arquitetura, sociologia e até mesmo a política. É uma nova e emocionante área de estudo que destrói as paredes que tradicionalmente separavam os diversos campos de estudo, permitindo o uso de diferentes idiomas ou textos em tradução e abrindo uma visão mundial da comparação baseada no conhecimento em circulação em nosso mundo pós-moderno nas fronteiras da literatura e seus relacionamentos.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Mudanças. Conceitos.

Da interatividade ao relato autobiográfico:

Por quais gêneros literários se aventuram os jovens influenciadores digitais?

Jennifer da Silva Gramiani Celeste
Juliana Gervason Defilippo

Resumo

Maneiras distintas de relacionamento foram constituídas a partir da disseminação das novas tecnologias e dos diversos recursos disponibilizados pela Internet e pelos aparatos eletrônicos em meados dos anos 1990. Cita-se, ainda nesta seara, a construção coletiva e democrática de território virtual expressivo e vasto. O presente estudo considera os empreendimentos de jovens influenciadores digitais no ciberespaço por meio de suas redes sociais, em sua maioria blogs e canais do *YouTube* e, paralelo a isto, a imersão destes indivíduos no universo literário a partir da assinatura de seus próprios livros, contribuindo sobremaneira para a concretização do investimento na materialidade dos conteúdos de natureza digital. Com base em mapeamento previamente realizado – a partir dos estudos orientados pelo grupo de pesquisa “A Literatura Brasileira Contemporânea: Diálogos, Perspectivas e Confluências”, sediado no Programa de Mestrado em Letras (Literatura Brasileira) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – que se restringiu ao período compreendido entre janeiro de 2008 a dezembro de 2016, constatou-se a publicação de cento e cinco livros de autoria de jovens blogueiros e *youtubers*. O panorama representado por tal levantamento leva-nos a pensar acerca da nova dinâmica assumida pela indústria literária brasileira, bem como da atuação de jovens nativos digitais na Literatura e ainda, por conseguinte, de seus admiradores e seguidores, que passam também a se ater às obras de seus ídolos, fomentando a prática da leitura e o deleite por esta. Objetiva-se, portanto, por meio deste trabalho, conduzir reflexões acerca do movimento de produção literária de autoria de jovens internautas, debruçando-se especificamente sobre os gêneros literários que se fazem mais recorrentes no montante de livros mapeados. Desta maneira, espera-se enveredar-se por caminhos que nos capacite a vislumbrar novas perspectivas para a Literatura Brasileira Contemporânea. Dos *posts* e vídeos às páginas impressas, as jovens celebridades digitais de sucesso dialogam com seu público de maneira a compartilhar suas experiências e vivências, seus anseios e sentimentos mais particulares, ajudando-se mutuamente e conduzindo-os, ambos, ao encontro de novos e distintos prismas no que concerne à fase relativa à juventude e às facetas que a torna particular. Ao compartilhar seus registros em suportes tais como os livros, os jovens blogueiros e *youtubers* transformam suas experiências em algo de domínio público e, para isto, aventuram-se por distintos gêneros da escrita literária, da interatividade ao relato autobiográfico, perpassando por narrativas ficcionais e *graphics novels*, por exemplo. A fim de melhor compreender este contexto o qual aqui se descreve, optou-se por recorrer, para além do levantamento de obras assinados por jovens produtores de conteúdo digital, obras cujos autores encontram-se vinculados às áreas da Cibercultura, como **La galáxia internet** (2001), de Manuel Castells, **Cibercultura** (2010) e **O que é o virtual?** (2011), de Pierre Lévy, e **A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros** (2011), e de Nicholas Carr; da Literatura, como **A**

literatura em perigo (2010), de Tzvetan Todorov, **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva** (2012), de Michèle Petit; e **Deixem que leiam** (2012), de Geneviève Patte; e da Psicologia, como **Psicologias: uma introdução à psicologia** (2001), de Bock et al., **Desenvolvimento humano** (2009), de Pappalia et al.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea. Internet. Influenciadores digitais.

Ele grafou-me por inteira:

Uma análise dos ciberespaços na literatura brasileira contemporânea

Rita de Cássia Florentino Barcellos

Resumo

A literatura brasileira contemporânea apresenta novas configurações oferecendo variadas obras que permitem diversas possibilidades de análise ao leitor do século XXI, um leitor conectado ao ciberespaço e às suas ferramentas. Diante deste quadro, este artigo originou-se a partir da análise do mapeamento de romances impressos no período de janeiro de 1997 a dezembro de 2014 de autores da literatura contemporânea brasileira que se apropriaram do ciberespaço e do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para desenvolver a trama textual de seus personagens. Os estudos aqui realizados fizeram parte do GT “A literatura brasileira contemporânea: diálogos, perspectivas e confluências”, liderado pela Prof.^a Dr.^a Juliana Gervason, sediado no Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF). E, atualmente, contribuem para a continuidade desta discussão no GT “A literatura e os ciber caminhos”, liderado pela mesma docente, na referida instituição. Em um primeiro momento, foi realizado um mapeamento das seguintes obras: **Eu te procuro E o caixa postal 1989 continua...** (1997), da autoria de Ângela Carneiro; **romeu@julietta.com.br** (1998), de Telma Guimarães; **Os anjos navegam na Internet** (2012), de José Teles; **A dama da Internet** (2012), de Neville D^o Almeida; **Nós somos uma correspondência** (2012), de Fernanda de Mello Gentil; **A condição indestrutível de ter sido** (2013), de Helena Terra e **Todo vícios** (2014), de Maitê Proença. Foi possível perceber, durante o mapeamento, que as TDIC começaram a fazer parte de alguns romances como forma de inserir em suas páginas uma comunicação multimodal – com elementos advindos das múltiplas formas de linguagem – que ocorre no momento histórico que vivenciamos, proporcionando, dessa maneira, a imersão da tecnologia no cotidiano dos personagens. Ao longo do mapeamento emergiram várias categorias temáticas que possibilitaram perceber nos romances alguns pontos em comum a respeito de aspectos relativos às relações interpessoais dos personagens. Tais categorias temáticas foram analisadas buscando compreender como o espaço virtual está sendo abordado na literatura brasileira contemporânea e como os autores dão voz aos seus personagens construindo, assim, suas subjetividades e identidades a partir das relações estabelecidas via comunicação virtual. Dessa forma, as tecnologias e seus modos de estabelecer novas relações a partir das velhas e antigas formas de comunicação humana passam a ser inseridas nas narrativas dos romances: conversar, escrever, fotografar etc. São estratégias que os personagens usam para fazer amizades, namorar ou fortalecer relações já existentes. Vale notar que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) permeiam o seu dia a dia, tal como acontece na chamada vida real dos leitores dessas obras. As relações estabelecidas misturam o ambiente físico e o virtual, aproximando ou distanciando os personagens e proporcionando novas formas de interação entre eles. Ao analisarmos os romances nos quais os personagens se apropriam das TDIC para criar suas relações interpessoais no ciberespaço, as ferramentas utilizadas são computadores, BBS,

Internet, chat, sala de bate-papo, *e-mail*, *blogue*, *SMS*, *Facebook*, *Instagram*, *sites* de relacionamentos, páginas da *web*, *Twitter* e fotos. Esta análise foi realizada a partir dos teóricos que tratam do tema da virtualidade e, também, da cibercultura na literatura contemporânea brasileira. Assim, destacamos Turkle (1989), Bauman (2011), Lèvy (1994), Dalcastagnè (2012), Ferreira (2012), Coleta (2016), dentre outros. Assim, podemos pensar na literatura brasileira contemporânea como uma janela que oferece caminhos diversos para o seu leitor e para os personagens, criando situações que os levam a um novo mundo através de novos olhares e novas possibilidades. Desta forma, ciberespaço, na ficção e no real, nos permite romper fronteiras, alargar o conhecimento, estabelecer relações – as mesmas e novas.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. Espaço virtual. Mapeamento. Categorias temáticas. TDIC.

Capitães da Areia:

A interface entre o hipotexto e o hipertexto fílmico

Vera Lúcia Muniz Evangelista

Resumo

Uma obra de Jorge Amado, publicada em 1937, pertencente à segunda fase do modernismo. O autor utiliza a literatura como instrumento de denúncia e análise social. É um romance permeado de temas diversos, como a vida dos excluídos, suas lutas, a Igreja, as autoridades e a imprensa. Enfim, a sociedade em geral é mostrada e analisada o papel da na obra, diante da problemática do menor abandonado. O processo de construção da obra *Capitães da Areia* resultou da vivência intensa do autor nas ruas, becos e ladeiras da cidade de Salvador. Espaço permeado pela desigualdade social e a discriminação entre as raças. Constitui-se de uma sucessão de episódios que perpassa por tragédias familiares relacionadas à condição de miséria. Este estudo busca apresentar uma visão da comparação do hipotexto (novela) e hipertexto (filme). O filme, lançado em outubro de 2011, dirigido por Cecília Amado, com o olhar voltado para as vivências e particularidades dos capitães da areia. Reporta-se a teóricos como Tania Carvalhal a qual assinala a importância da Literatura Comparada para compreensão e clareza dos textos. Também, fundamentando-se nas reflexões de Bakhtin (ANO) que nos propõe analisar o texto literário como um mosaico, uma construção polifônica. Nessa perspectiva temos várias vozes que emergem no propósito de contribuir na elucidação do texto. Outra estudiosa, Ana Pizarro (ANO) assinala que o conceito de Literatura Comparada vem sendo associado a um espaço de tensões que não se resolvem, neste ambiente móvel e plural latino-americano, indefinido. Segundo a autora, faz-se necessário criar novas metodologias e estratégias de interpretação. No Estudo Comparativo observou-se que o hipotexto (romance) é bastante fidedigno ao hipertexto (filme) em aspectos como: o tempo, o qual é cronológico a partir dos dias, meses e anos. O espaço, as ruas de Salvador, na Bahia, a Cidade Alta, região nobre em que os meninos cometiam as ações criminosas, e, a Cidade Baixa, região portuária onde se encontrava o galpão onde viviam os capitães da areia. Os personagens que compõem o núcleo central da narrativa apresentam algumas particularidades: João Grande possui uma força bruta, o professor é lembrado pelo talento artístico, Sem-Pernas pela amargura existencial, a opressão sertaneja é representada por Volta-Seca, a sexualidade precoce por Gato, o malandro é o Boa-Vida e a tendência à religiosidade se manifesta em Pirulito. Todos são liderados por Pedro Bala, o líder da ordem e da justiça social, o qual impõe ao grupo uma gama de leis internas, respeitadas por todos. Dora, após morte da mãe de varíola, se integra ao grupo, ganhando o respeito e múltiplos papéis. O Enredo ficcional, baseado na realidade ou relato de realidade. O ritmo narrativo é na 3ª pessoa, possui uma linguagem coloquial e diversos termos populares. Estabelece uma analogia entre a aventura e a mensagem política. Evidenciam-se no estudo comparativo alguns aspectos que só se encontrava no hipotexto (romance) como: o comportamento cruel do líder Pedro Bala, violência sexual, o roubo de uma imagem pelo menor Pirulito, a truculência policial, os maus-tratos, a religiosidade e seus equívocos. Conclui-se que a obra **Capitães da Areia**, de 1937, trata-se de uma

temática, os meninos excluídos, que apesar de frequentarem espaços públicos, não dispõem de condições básicas para viver. Falta-lhes oportunidade de ter uma educação de qualidade, uma família ou qualquer olhar prospectivo de construção de um futuro promissor. E em 2017, que avanços podem-se pontuar?

Palavras-chave: Jorge Amado. Hipotexto. Hipertexto. Menor abandonado. Estudo comparativo.

Representação da violência em *Incidente em Antares*

Paloma Silva Mendes
Maria Andréia de Paula Silva

Resumo

Incidente em Antares, romance de autoria do escritor Érico Veríssimo, embora escrito nos anos de 1970, discorre sobre temas que ainda são pertinentes na sociedade brasileira atual, entre eles a violência na formação da cultura brasileira. A narrativa literária é elaborada a partir da utilização de recursos ficcionais como o elemento fantástico, o riso, a ironia e o sarcasmo, deslocando a recepção do livro no contexto da censura. É importante salientar que a época da escrita da obra coincidiu com o período da ditadura civil militar vivida no Brasil entre os anos de 1960 e 1980 do século XX, e o romance descreve fatos de significativa relevância desse período histórico, figurando o contexto político e social do país na vida e morte dos habitantes da cidade de Antares, especialmente as relações de violência e de conflitos estabelecidos no cotidiano. A pequena cidade, de acordo com a narrativa do autor, não constava em nenhum mapa, o que, na ficção, provocava protestos de seus habitantes mais ilustres, já que, segundo eles, ela se encontrava localizada no interior do Rio Grande do Sul, à margem esquerda do Rio Uruguai, fazendo fronteira com a Argentina. E, mesmo após o incidente que dá título ao livro, ocorrido no dia 13 de dezembro de 1963, Antares não consegue se projetar além dos seus limites geográficos. Contudo, o recurso à criação literária para elaboração da história permite ao escritor gaúcho abordar a temática da política e da violência, deixando transparecer uma série de denúncias sobre um tempo de repressão e projetar a cidade como microcosmo do país. O objetivo do presente trabalho é apresentar de maneira breve algumas situações de violência nas relações e na vivência cotidiana dos personagens presentes em **Incidente em Antares**. A partir da encenação de situações e ações dos personagens é possível perceber a denúncia que funcionou, a época, como uma crítica, por exemplo, à prática da tortura extremamente comum em tal período. Assim sendo, para analisar este aspecto da obra em questão, tomar-se-á como referência teórica o verbete „violência” escrito pelo cientista político Mario Stoppino para o **Dicionário de política** (2000), organizado por Noberto Bobbio. Nele, o pensador italiano discorre sobre as várias formas de violência, seja ela direta, seja indireta, e a diferença entre violência e poder. A concepção do sociólogo francês Pierre Bourdieu presente no livro **O poder simbólico** (2000), de que o poder simbólico é invisível e é exercido mediante a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele, enquanto o recurso à violência caracteriza especificamente o poder político também servirá de parâmetro para a análise. Parte-se, ainda, do pressuposto da socióloga brasileira Tânia Pellegrini que, em sua obra **Gavetas vazias: ficção e política nos anos de 70** (1996), afirma que a violência é algo inerente ao surgimento da cultura brasileira e constitui elemento organizador da ordem social. Essas leituras são significativas na medida em que instrumentalizam, do ponto de vista epistemológico, a análise do romance numa perspectiva transdisciplinar, já que se tenta estabelecer uma interface entre ficção, realidade e história.

Palavras-chave: Incidente em Antares. Violência. Literatura. História

A cosmovisão na obra *Cazuza*

Juliana Pinto de Oliveira Causin Alves

Resumo

O presente estudo se propõe a identificar um dos três níveis da transculturação narrativa, dentro da proposta do crítico uruguaio Ángel Rama como sistema crítico de abordagem da literatura latino-americana em suas especificidades. O romance **Cazuza** (1938), escrito por Viriato Corrêa, nascido em Pirapemas, no Maranhão, em 1884 e falecido no Rio de Janeiro, em 1967, constitui o *corpus* literário desta análise. Corrêa trabalhou como jornalista, romancista e teatrólogo, elegendo-se deputado estadual e alguns anos depois, deputado federal por seu estado, sendo que em 1938 tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras. A obra em pauta registra fatos de um passado histórico no Brasil, o do Estado Novo, atuando na perspectiva de crescimento do personagem protagonista. A trama romanesca desvela os anseios das crianças ao adentrarem na escola nos anos primários e seus temores frente aos rígidos métodos disciplinares e de ensino da educação no final do século

XIX. O romance, de temática atemporal, promove discussões também acerca da ideia de pátria, guerra e distintas formas de tratamento entre as diferentes classes sociais, contextualizando historicamente os anos trinta, no Brasil, entrelaçado à formação do cidadão e à peculiar cultura latino-americana. A idiosincrasia autoral permite ao leitor transitar da ficção para a realidade, uma vez que na trama ficcional a vivência interpenetra a fantasia. No intuito de abordar os fatos marcantes da história do Maranhão, Corrêa empenha-se em registrar no percurso da obra que se inicia no povoado de Pirapemas, passa pela vila do Coroatá e chega à capital São Luís, a tradição oral em suas diferentes formas de relato em cada povo de um mesmo estado, ressaltando a plasticidade cultural e linguística existentes. Ao revisitar as raízes culturais maranhenses, o autor abarca o nível da cosmovisão, uma das operações transculturais marcantes em **Cazuza** (1938), resgatando os mitos e as crenças das regiões interioranas brasileiras. A cosmovisão apresenta-se como retorno ao regionalismo em busca de contribuições permanentes para a sobrevivência da cultura local que, nutrida pela essência cultural da América Latina, possibilita a constituição de uma literatura nacional ultrapassando as fronteiras geográficas. Corrêa contempla a heterogeneidade em sua produção literária, perpassando pela trajetória escolar do personagem protagonista cujo nome dá título à obra. Descreve com expressiva clareza e veemência o pensamento mítico que norteia o imaginário dos seus personagens, libertando-se dos cânones tradicionais em busca de uma nova identidade literária influente. A retomada das crenças e tradições populares, evidenciadas na obra em análise, no trânsito da zona rural para a zona urbana, certifica a existência de diversas culturas em um mesmo Brasil. Para analisar a plasticidade cultural da obra em questão, os estudos de Ángel Rama, servem de aporte para o desenvolvimento deste trabalho ao tratar do termo transculturação primeiramente conceituado pelo antropólogo cubano, Fernando Ortiz. Como fundamentação teórica, os conhecimentos de Maria Aparecida Nogueira Schmitt embasam a percepção da realidade e ficção em um processo de entrelaçamento dessa obra, além dos seus processos transculturais decorrentes da heterogeneidade conflitiva. As obras de Roseli Barros Cunha e Eurídice Figueiredo,

no que se refere às especificidades da literatura produzida na América Latina, constituem o referencial teórico na legitimação da receptividade de leitura.

Palavras-chave: Heterogeneidade. Transculturação. Cosmovisão.